

O sonho e o despertar

Jane Alves Cohim Silva¹

A partir do atendimento clínico a adolescentes é possível observar que, mesmo que alguns comportamentos sejam considerados universais, na nossa cultura, cada adolescente é singular em seu ato.

Este texto propõe uma reflexão sobre a adolescência a partir de uma mudança de posição discursiva, na medida em que os adolescentes são convocados a fazer sua inscrição através de um ato, para ocupar um lugar no processo dialético da pertença social. A resposta a essa convocação dependerá das suas possibilidades subjetivas.

Tomarei como referência a peça “*O Despertar da Primavera*” de Frank Wedekind, de 1890, na qual é possível perceber que a adolescência se apresentava para o social como o que revela, no interior de seu funcionamento, que algo não vai bem. A peça traz um “sintoma” com intensa conotação de questões sociais analisadas a partir de distorções nas relações do sujeito com a realidade socialmente determinada.

O autor, ao expor o tema do despertar da sexualidade, não faz uma análise do social. Ele se atém aos conflitos da adolescência relacionados aos pais, à escola e à sexualidade, temas que se mantêm atuais e que nos interessam, uma vez que se associam a uma outra questão da adolescência, o uso de drogas, nosso objeto de estudo.



É com relação à abordagem sobre a sexualidade na adolescência que farei recortes da peça, utilizando-os como pontos de partida e, nesse sentido, mostra-se precioso o argumento usado pela mãe da personagem Wendla, na referência que faz quanto ao despertar da sexualidade: “para se ter acesso ao sexual, é preciso amar”. O que entra em jogo aí, diz respeito ao próprio funcionamento social, pois, para ela, o lugar concedido ao desejo favorecerá um ilegalismo, real ou imaginário.

Esse argumento, entretanto, não se mantém para Wendla e Melchior, mais devotados ao desejo que à lei, como se pode ver no trecho do diálogo entre eles, antes de consumarem o ato sexual:

Wendla: Não me beijos Melchior, as pessoas amam-se quando se beijam... não, não!

Melchior: - Acredita-me, não há amor! Tudo é interesse, tudo egoísmo!... Amo-te tão pouco como tu me amas... (WEDEKIND, 1991, p. 8).

O encontro resultará em uma gravidez que levará a personagem à morte, em decorrência de uma hemorragia, por ingestão de um chá abortivo que lhe foi preparado por sua mãe, sem que Wendla sequer suspeitasse estar grávida.

No decorrer da peça, Wendla revela seus temores com relação ao despertar da sexualidade, relacionando-os com idéias sobre morte. Após o encontro, quando, então, Melchior já satisfizera seus ideais de virilidade e Wendla se instalara na identificação à mulher, momento da assunção do desejo, eles se separam.

O encontro sexual encaminha o despertar da satisfação das pulsões na adolescência, fadada à repetição, sem eleição de objeto. O “ficar” entre adolescentes hoje, poderia apontar para essa direção?

Se o objeto da pulsão, na Psicanálise, é, por excelência, um objeto contingente, então poderia ser qualquer um. Nesse momento, não estaria em jogo uma escolha, que implicaria na possibilidade de assumir uma posição diante do desejo. O despertar das pulsões, ao mesmo tempo em que produz atração, também produz temor diante do real de um gozo desconhecido que se manifesta à revelia do sujeito, insistindo e persistindo na busca de satisfação.

Partindo da teoria freudiana sobre a sexualidade infantil, em que emerge a pergunta *De onde vêm os bebês?*, vimos que o sexual faz enigma e leva a criança à construção de suas fantasias e sintomas que serão atualizados na adolescência, momento em que a escolha de objeto da infância será confirmada ou não. Entretanto, mais que da escolha de um objeto, trata-se da escolha do sujeito.

Se, na infância, a questão formulada é *de onde eu vim?*, na adolescência, a convocação seria no sentido de responder àquilo que, no mito grego, a Esfinge dirige ao Rei Édipo: “*Quem é o que vem?*”.

O que é proposto a Édipo é que decifre o enigma, e passará são e salvo, ou será morto, caso não consiga encontrar a solução. Na adolescência, o Outro simbólico é o que incorpora a esfinge e interroga sobre a posição de sujeito: “*Quem é o que vem?*”. É possível responder a essa questão?

Para Hugo Freda, a adolescência implica na “noção de inscrição, um momento de passagem, não de um estado a outro, da infância ao adulto, mas de um pensamento a um ato... da inscrição de um desejo no campo do Outro” (1992).

Lacan (1991), no comentário sobre a peça de Wedekind, ressalta a idéia do dramaturgo quando este diz que para um rapaz fazer amor com uma moça é preciso que desperte de seus sonhos para disso se ocupar, enunciando que o despertar dos sonhos é a condição para a realização do ato, um ato que possa inscrevê-lo em um sistema significativo que o torne capaz da tomada da palavra, que o faça sair da posição colocada por um discurso alheio para assumir o significativo como seu.

O que restaria da impossibilidade de inscrição no Outro, lugar onde se inscreve a lei? Toxicomania, uso abusivo de drogas, tentativas de suicídio, delinqüência juvenil e outros, podem ser

respostas, para Freda (1992), que estabelece uma lista bastante precisa de sintomas sob o título “Sintomas da inscrição ou da não inscrição”. Diante do fracasso do ato, a alternativa seria a atuação (horror ao ato, impossibilidade do ato), recurso utilizado na tentativa de obter um reconhecimento, ter uma existência e, considerando que o ato de nomear é sempre uma forma de posicionamento, poder nomear-se, mesmo que seja como “toxicômano”, “infrator” mas, falando por si mesmo. Caberá ao adolescente instaurar, com o próprio discurso, no lugar do desejo da mãe, um nome que irá ocupar um lugar de um desejo.

O que aconteceu a Wendla e Melchior? Wendla morre, vítima, talvez, do que fora insuportável para sua mãe: o desabrochar da sua sexualidade. Para a pergunta que Wendla lhe dirige, “*do quê tens medo?*”, não há resposta. Valeria indagarmo-nos sobre o que suscita, nos pais, o desabrochar da sexualidade dos filhos adolescentes. A essa questão creio que caberia, *a posteriori*, uma investigação.

Melchior, que, durante toda a peça, ocupa a posição do saber (S_2), é responsabilizado pela morte de seu amigo Moritz e é enviado, por seus pais, para uma casa de correção, de onde foge. E é então que se depara com o túmulo de Wendla, tomando consciência de sua morte.

Freud pouco falou sobre a adolescência. Privilegiou, em seus estudos, a criança e o adulto. Abordou a puberdade utilizando o critério de universalidade biológica, que desnuda o real sexual,



em que mudanças corporais impedem que tudo continue como antes, causando mal-estar na sexualidade diante da diferença sexual, marcada pela falta, condição de castração, e pela impossibilidade de complementaridade entre os sexos.

Apesar de sugerir o encontro possível, a diferença sexual suscita fantasias no sujeito, que o afasta dele. Na clínica, é possível observar “um fazer”, que visa aplacar a angústia da encruzilhada identificatória na adolescência, que aponta para o obscuro do desejo.

Marlize Rêgo (2007), ressalta que, na busca de revestimentos simbólicos que possam dar conta do sofrimento, o uso de drogas cumpre papel importante: pode funcionar como apaziguador da angústia, diante da impossibilidade de responder, suficientemente, ao Outro, e traz a ilusão do reencontro de um gozo prometido.

Levando em consideração as variáveis da adolescência, não caberia, aqui, chegar a uma conclusão sobre o tema. Ao contrário, é preciso nos ater a uma questão fundamental: como pensar a clínica com adolescentes cuja inscrição está atrelada a um gozo toxicômano?

A adolescência como processo individual inclui lógicas presentes nas várias formas de vínculos estabelecidos pelos adolescentes que, muitas vezes, fragilizados pela instabilidade nas relações, diante da impossibilidade de partilhar o ato, passam a fazer atuações que os levam a vivenciar situações de privação, recusa e abandono, criando um conjunto próprio de significações. Com o uso de drogas poderão encontrar uma forma de nomeação.

Ao se dirigir a uma instituição voltada para a assistência a usuários de drogas, o adolescente encontrará um lugar onde terá uma existência a partir de um fazer. Este fazer poderá levar a significações outras que o conduzirão a um despertar, despertar próprio do sonho, para que possa continuar a sonhar.

Notas

¹ Psicanalista; Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas.

Referências

FREDA, Hugo. **O adolescente freudiano**. Conferência pronunciada, em 22 de outubro de 1992, na École de la Cause Freudienne, Paris.

FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade. In: _____.

Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar, In:

_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.**, Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. XIII.

LACAN, Jacques (1991). Comentário. In: WEDEKIND, Frank. **O despertar da primavera**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991.

RÊGO, Marlize. Comunicação pessoal, 2007. In: **Fórum do GAIA**, CETAD/UFBA, 2007.

WEDEKIND, Frank. **O despertar da primavera**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991.